

CAPÍTULO 9

A MONOTONGAÇÃO DE /EI/NA NORMA DE MAPUTO

Danielle Kely Gomes

9.1 INTRODUÇÃO

A realização do ditongo /ei/ é um processo variável nas mais diversas normas de uso do Português Brasileiro (doravante PB). (PAIVA, 2003, a, b, dentre tantos outros). Nas variedades do PB, a alternância entre [ey] e [e] é frequentemente associada à atuação de restrições de natureza linguística, dentre as quais se destaca a natureza do segmento subsequente ao ditongo.

Entretanto, em outras variedades do Português, o comportamento variável de /ei/ é associado também a condicionamentos extralinguísticos. Passos (2018), ao investigar a monotongação do /ei/ no Português de São Tomé, demonstra que na variedade há uma correlação entre variáveis linguísticas e sociais para a implementação da variante monotongada, [e]. A investigação aponta que há diferenças na implementação da variante monotongada em função da posição que o segmento ocupa no vocábulo.

A variedade moçambicana, assim como a são-tomense, é caracterizada pela convivência entre o Português e outras línguas, principalmente línguas da família bantu.¹ Esta investigação insere-se no amplo espectro de um programa de pesquisa que busca

1 Seguindo Chimbutane (1991), adota-se a forma *bantu* para menção às línguas autóctones de Moçambique, sem a adaptação do adjetivo aos padrões morfológicos do Português.

traçar o *continuum* de variação entre a norma brasileira e as normas do português faladas no continente africano (PETTER, 2015; BRANDÃO, 2020). Questões associadas ao contato entre o Português e as línguas locais de Moçambique são pontos cruciais na caracterização da variedade africana do português em foco e também podem indicar subsídios importantes para a compreensão do processo de monotongação de /ei/ no Português Brasileiro.

Assume-se, como hipótese central de investigação, que o contato entre Português e as línguas locais atuaria no sentido de expansão dos contextos estruturais que favorecem a implementação da variante monotongada, já que as línguas bantu, no geral, tendem a evitar a formação de sílabas com núcleos complexos. No Português Brasileiro, os trabalhos que se dedicam a investigar esse processo evidenciam que a redução de /ei/ ocorre no contexto de falso ditongo,² principalmente quando /ei/ precede um tepe. Espera-se que os dados da variedade moçambicana extrapolem essa restrição, e que a implementação de [e] se dê tanto em falsos ditongos quanto nos contextos em que, em outras variedades do Português, a forma ditongada tende a ser preservada.

A investigação que se propõe neste texto se justifica não só pela perspectiva de comparação entre normas do Português, como também por considerar o papel do contato entre línguas na configuração da gramática do Português em Moçambique. No âmbito das teorias que se debruçam sobre o contato linguístico, cumpre salientar que o campo de estudos referente às línguas em contato pode ser considerado um ramo novo dentro da Linguística, e que vem despertando cada vez o interesse em pesquisadores da área (SANTIAGO; AGOSTINHO, 2020, p. 41).

Weinreich (1953) define contato linguístico como o uso, de forma alternada, de duas ou mais línguas pela mesma pessoa. O resultado do contato entre línguas é denominado pelo autor como fenômeno de interferência, dados “aqueles casos de desvio das normas de qualquer língua que ocorrem no discurso de bilíngues como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua” (WEINREICH, 1953, p. 01). No que diz respeito ao estudo sobre contato linguístico e contato cultural, Weinreich (1953) ressalta a necessidade de se atentar para aspectos relativos à interação entre fatores estruturais e não estruturais. Isso porque tais fatores podem contribuir ou impedir o fenômeno de interferência.

Investigar a produtividade da regra variável de monotongação de /ei/ em um contexto em que o Português configura uma variedade de língua europeia como L2 (FIRMINO, 2010; GONÇALVES P., 2001, 2013) é inovador, e pode trazer contribuições importantes para a compreensão desse processo em outras realidades multilíngues, além de auxiliar na interpretação de como o processo variável se estabiliza no Português Brasileiro.

2 De acordo com Bisol (1989), ditongos verdadeiros são aqueles que, fonologicamente, ocupam duas posições no núcleo silábico, sendo a segunda uma vogal alta. Esses ditongos (por exemplo, p[aw]ta e r[ey]no) tendem a ser preservados. Os ditongos falsos seriam constituídos por apenas uma vogal no núcleo, sendo a segunda vogal, quando ocorre, fruto de um processo de “espraiamento” – que é variável – do nó vocálico da consoante subsequente ao ditongo. (p[ey]xe /p[e]xe; b[ey]jo/b[e]jo).

A partir das considerações apresentadas, esta investigação tem por objetivos i) descrever a distribuição das expressões fonéticas que concretizam a realização de /ei/; (ii) verificar a atuação de condicionamentos de ordem linguística na implementação da variante monotongada [e]; e (iii) observar a correlação entre restrições linguísticas e sociais na implementação de [e].

Para que se cumpram os propósitos explicitados, primeiramente descrevem-se brevemente alguns estudos sobre a regra variável de monotongação em variedades do Português; em seguida, apresentam-se reflexões sobre a fonologia dos ditongos em Português e nas línguas autóctones de Moçambique; depois, discutem-se aspectos relativos à formação da comunidade de fala sob investigação; indicam-se os procedimentos adotados para o tratamento dos dados; e, por fim, expõem-se os resultados da análise multivariada e, finalmente, tecem-se as considerações finais.

9.2 A MONOTONGAÇÃO DE /EI/ EM PORTUGUÊS

No PB, o processo de monotongação de /ei/ (f[ey]r~f[e]ra, q[ey]jo ~ q[e]jo, p[ey]xe~p[e]xe, tr[ey]no~tr[e]no) é um fenômeno variável, fortemente condicionado por restrições de natureza linguística, dentre as quais se destaca o contexto fonológico subsequente ao ditongo (PAIVA, 1994, 2003a,b BISOL, 1989, 1994; GONÇALVES C. A., 1997; LOPES, 2002; PEREIRA, 2004, dentre muitos outros). Em outras variedades do Português, contudo, o comportamento variável de /ei/ também é associado a condicionamentos extralinguísticos (SILVEIRA, 2013; PASSOS, 2018).

Nas variedades do PB, destaca-se, dentre as variáveis linguísticas que atuam na redução de /ei/, a natureza do contexto seguinte ao ditongo: a presença da vibrante simples e das fricativas palatais no *onset* da sílaba seguinte ao ditongo é a restrição com maior força de atuação na redução (BISOL, 1994). Todavia, trabalhos como os de Cabreira (1996) e Paiva (2003a) revelam que a presença da vibrante simples no ataque da sílaba seguinte a /ei/ se destaca, entre os contextos fonológicos subsequentes ao ditongo, como o segmento que de fato licencia a implementação da regra de monotongação.

Cabreira (1996, p. 111), sobre a redução de /ei/ diante do tepe em dados de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, afirma:

Em termos gerais, a frequência de monotongação de ej é maior do que a do ditongo [aj] (diante de palatal) e menor do que o ditongo [ow]. Entretanto, levando-se em conta apenas os casos em que o ditongo é seguido por flap, a frequência do monotongo sobe a 98%, e, na análise probabilística, o input atinge o valor 1,00. Isso pode ser tomado como um indício de que a monotongação de ej seguido por flap é uma mudança praticamente consumada.

Paiva (2003a), em uma comparação em tempo real de curta duração e em um estudo do tipo tendência (alguns indivíduos gravados na década de 1980 foram recontactados 20 anos depois) nos dados da fala popular da cidade do Rio de Janeiro, com base na Amostra Censo. A autora observa a manutenção de índices altos da variante monotongada na virada do milênio (em torno de 70% de aplicação da regra de monotongação). O estudo em tempo real e o estudo de tendência sugerem alterações nos contextos linguísticos de implementação da monotongação na fala popular carioca: a redução se consolida diante da vibrante simples (b[ey]ra/b[e]ra), mas recua diante das fricativas palatais (b[ey]jo). Paiva (2003a, p. 46) destaca que a tendência a mudanças nos contextos estruturais de implementação da redução independe, nos dados analisados, das características sociolinguísticas dos indivíduos.

Enquanto no Português Brasileiro a implementação da regra de monotongação está descrita e apresenta comportamento estável, uma situação oposta se verifica no que se refere a outras realidades do Português. Em relação às variedades africanas do Português, tem-se conhecimento de duas investigações, que se concentram na descrição da regra variável de monotongação em variedades faladas em São Tomé e Príncipe (SILVEIRA, 2013; PASSOS, 2018).

Silveira (2013), em um estudo que descreve a regra de monotongação de ditongos orais decrescentes no português vernacular são-tomense, verifica um índice elevado de monotongação de /ei/ nos dados da localidade (65% - 525/815). Os resultados apontam, como condicionamentos atuantes para a implementação de [e], a presença de róticos, das fricativas pós-alveolares e das fricativas alveolares no contexto seguinte ao ditongo, a classe dos nomes, palavras dissilábicas, o nível básico de escolarização e informantes da faixa etária mais jovem.

Passos (2018), ao também investigar a monotongação do /ei/ na norma urbana do Português de São Tomé, demonstra que na variedade há uma correlação entre variáveis linguísticas e sociais para a implementação da variante monotongada, [e]. A autora constata diferenças na implementação da variante monotongada em função da posição que o segmento ocupa no vocábulo: na posição interna à palavra, a monotongação é condicionada pela atuação das variáveis natureza do segmento subsequente – comportamento semelhante ao verificado no Português Brasileiro – e escolaridade; na posição final do vocábulo, a variável que concorre para a redução é a frequência de uso do crioulo Forro.

Observa-se, com base nos trabalhos retomados nesta seção, que há alguns pontos de convergência entre o Português Brasileiro e a variedade são tomense em relação às restrições que concorrem para a monotongação de /ei/: o contexto subsequente ao ditongo se constitui como o condicionamento de natureza linguística que atua de maneira uniforme nas variedades, no sentido de favorecer a variante monotongada quando o ditongo ocorre diante de róticos e fricativas pós-alveolares. Do ponto de vista das restrições de caráter social, os dados são-tomenses são sensíveis à escolaridade do indivíduo, enquanto a estabilidade do processo nas normas do Português Brasileiro parece neutralizar a ação de condicionamentos de natureza social.

9.3 SOBRE OS DITONGOS EM PORTUGUÊS E NAS LÍNGUAS DE MOÇAMBIQUE

Câmara Jr. (2019 [1970]), ao descrever a estrutura da sílaba em Português, defende que a sílaba que contém um ditongo se configura como uma estrutura silábica com o núcleo ramificado composto por duas vogais, sendo a segunda vogal da ramificação uma vogal alta. Bisol (1989), agrega mais elementos na reflexão sobre o estatuto fonológico do ditongo, ao apresentar a distinção entre ditongos verdadeiros e ditongos falsos, caracterizando como “falso” o ditongo que pode alternar, em sua realização, com a forma monotongada.

Se, no âmbito do Português, há uma reflexão consistente sobre os ditongos e as condições que favorecem processos fonológicos nessa estrutura, não se verificam descrições robustas sobre os aspectos fonológicos das línguas bantu que coexistem com o português em Moçambique.³

O Changana, língua autóctone sobre a qual há descrição disponível e uma das línguas locais que concorre com o Português na cidade de Maputo (PISSURNO, 2018, p. 80), apresenta as mesmas semivogais verificadas em Português ([y] e [w]), que emergem no quadro amplo de processos que atuam na resolução de hiatos. (NGUNGA; SIMBINE, 2012). De acordo com Ngunga; Simbine (2012, p. 44-45):

Esta língua não é favorável à combinação de vogais. Por isso, sempre que a morfologia ou a sintaxe criam condições para que duas vogais ocorram uma a seguir a outra, forma-se o que se chama hiato. Sendo este um fenómeno não tolerado pela Fonologia da língua, esta encontra sempre formas de desfazer, para ficar com apenas uma vogal. Para isso, a língua recorre a variados mecanismos, de acordo com a qualidade e a sequência das vogais envolvidas. [...]

[...] para se conseguir ter uma única vogal de uma sequência de duas, a língua recorre a estratégias como fusão das duas para formar uma terceira, eliminação (elisão) de uma delas, a semivocalização (transformação de uma delas em semivogal). Estas estratégias são chamadas regras de resolução de hiatos ou, simplesmente, regras que impedem a ocorrência de sequência de vogais. Assim, as vogais altas i e u tornam-se semi-vocalizadas antes de vogais [grifos nossos].

3 Das aproximadamente 20 línguas bantu registradas, tivemos acesso apenas a descrições relativas ao Changana (ou Xichangana), uma das diversas línguas locais faladas em Maputo (Cf. SITOIE, 2011; NGUNGA; SIMBINE, 2012; RIBEIRO, 2016). Também tivemos acesso a um manual de padronização ortográfica das línguas de Moçambique (NGUNGA; FAQUIR, 2012), em que constam breves considerações sobre aspectos fonético-fonológicos de 17 das 20 línguas bantu faladas no país.

O mapeamento realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2017) revela que a população aproximada de Maputo, capital de Moçambique, é de 28 milhões de habitantes. A capital também é a cidade mais populosa do país e é considerada uma área urbana, na qual o Português é a principal língua de interação. No censo de 2017, 49% da população de Maputo se identifica como falante de Português como língua materna. Entre as crianças de 05 a 09 anos moradoras da capital, o índice de falantes de Português como L1 alcança 64% da população dessa faixa etária, o que sugere um possível aumento do número de falantes nativos do Português na área urbana nas próximas gerações da população da capital.

Esse panorama não é uniforme pelas demais províncias do país, uma vez que a disseminação do Português nas zonas mais rurais é fragmentada. Nessas áreas, as línguas da família bantu ainda constituem as línguas maternas das populações locais. De acordo com Pissurno (2018, p. 82), “a população da zona rural continua tendo o Português praticamente como uma língua estrangeira, de acesso restrito ao meio escolar”. As razões para a diferença entre a capital e as demais províncias do país estão no processo histórico de formação de Moçambique.

Moçambique entra na “rota” colonial do império português em 1498, ano da chegada de Vasco da Gama à costa do país. Apesar de a colonização portuguesa ser intensa na costa oeste do continente africano e na Ásia, os colonizadores à época não demonstraram grande interesse em ocupar o território, inserindo-o na máquina colonial como um entreposto comercial, fonte de ouro, marfim e pessoas escravizadas (CHIMBUTANE, 2018). Com efeito, o contato entre o Português e as línguas locais foi bastante rarefeito nos momentos iniciais da colonização.

Assim permaneceu a relação entre Portugal e Moçambique nos primeiros dois séculos após a chegada dos portugueses, sendo a administração da colônia mediada a partir da Índia, sem contato direto com a metrópole. Moçambique, portanto, ocupava uma “posição marginal” (GONÇALVES P., 2001, p. 977), principalmente quando em comparação às outras colônias portuguesas. Esse panorama só começa a mudar no final do século XIX, quando as fronteiras são demarcadas e Maputo (Lourenço Marques, à época) é escolhida como capital. O processo de efetiva ocupação não foi pacífico e nem repentino, mas sim marcado por campanhas militares e conflitos entre portugueses e resistências locais.

A consolidação do processo de colonização, com imigração de colonos, e consequente fomento à educação, se dá a partir de 1918, quando se concluem as campanhas militares para ocupação efetiva do país e época em que Portugal considerou o território, por fim, dominado. O número de imigrantes portugueses ainda era bastante baixo, mas Firmino (2010, p. 6) destaca que a presença desses colonos acabou causando uma “competição desleal no trabalho” e que os moçambicanos tinham de provar uma qualificação que esbarrava justamente no conhecimento do Português.

Desse modo, o Português assume cada vez mais o status de mobilizador social, posição que ganha relevo principalmente quando a língua foi incorporada às chamadas “Escolas Indígenas”, criadas para disseminar o Português para a população local.

Além disso, na mesma época, as línguas locais passaram a ser proibidas no ambiente escolar, um movimento com um viés ideológico colonizador que procurou minar as línguas autóctones, reduzindo-as ao convívio familiar.

A resistência pela independência começa a se consolidar a partir de 1962, com a fundação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Para mobilizar o maior número de cidadãos, os movimentos pela independência acabaram por optar pelo Português como a língua franca que os uniria em oposição ao colonizador. Curiosamente, o Português foi alçado à língua de mobilização nacional, uma escolha à primeira vista contraditória, mas que se justifica – na medida que a opção por uma das línguas locais para a representação do ideal de nacionalidade poderia colocar uma região/povo em relação de proeminência aos demais, o que dificultaria o processo de união em prol da independência (FIRMINO, 2010, p. 9).

A independência se consolida em 1975, após mais de uma década de luta armada, e o Português é reconhecido como língua oficial de Moçambique. Cimenta-se um discurso ideológico/institucional na medida em que se afirma, mesmo após a independência, que o Português “quebrava as barreiras das línguas maternas” (Revista Tempo nº 471, p. 12 *apud* FIRMINO, 2010). Como efeito, expandem-se as políticas linguísticas que reforçavam o uso do Português, por meio de propagandas e discursos do governo, e, principalmente, pelas campanhas de educação em massa.

Em um movimento contrário à visão hegemônica do Português, a Constituição de 1990 define que “o Estado devia promover o desenvolvimento das línguas africanas na vida pública, inclusive na educação” (CHIMBUTANE, 2018, p. 101). Esse movimento passou a legitimar a educação bilíngue, e reforça o contato entre as línguas, permitindo, cada vez mais, que a variedade moçambicana do Português seja modelada pela interação entre o Português e as línguas autóctones.

Mesmo com todas as evidências históricas e sociolinguísticas, ainda não é possível afirmar categoricamente que estamos diante de um “Português Moçambicano”. Firmino (2010, p. 22) destaca que

o português em Moçambique pode ser visto como um continuum que oscila desde as formas do mau português (pejorativamente chamado pretoguês) até às formas mais próximas do português europeu, cujo modelo europeu ainda é considerado como o padrão e, teoricamente, continua a ser difundido nas escolas.

Gonçalves P. (2021, informação verbal)⁴ vai além, ao destacar que “é prematuro, com base nas produções dos falantes, observar se os dados efetivamente refletem a emergência de uma variedade moçambicana”, apesar de já ser possível identificar alguns traços característicos da variedade – principalmente no que se refere a incorpo-

4 Comunicação apresentada no I Colóquio Internacional VariaR – Variação fonológica e sintática nas línguas românicas. 20 mar 2021.

rações e adaptações de itens lexicais, a modificações sintáticas e à configuração fonológica –, estando o Português em Moçambique no estágio de “uma variedade típica de um contexto de língua europeia como L2”. Portanto, tem-se a expectativa de que a regra variável da monotongação de /ei/ nos dados aqui analisados reflita o percurso de formação da variedade, na medida que se espera uma interação maior entre os condicionamentos estruturais e sociais, além de – no âmbito das variáveis extralinguísticas – a relevância das restrições que controlam a relação entre o Português e as línguas locais.

9.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que se refere à metodologia para análise dos dados, levantaram-se 1.159 *tokens* em posição interna ao vocábulo.⁵ Os dados foram extraídos das 18 entrevistas que compõem a amostra principal do corpus Moçambique-PORT (VIEIRA; PISSURNO, 2016), vinculado ao *Corporaport (Variedades do Português em análise)*. Os dados foram analisados com o auxílio do software Goldvarb X. Postularam-se 11 variáveis, 6 linguísticas e 5 sociais, conforme mostra o Quadro 9.1.

Quadro 9.1: Variáveis investigadas

Condicionamentos linguísticos	Condicionamentos sociais
Contexto precedente ao ditongo Contexto subsequente ao ditongo Localização do ditongo na estrutura morfológica Dimensão do vocábulo Classe morfológica Tonicidade da sílaba	Faixa etária Escolaridade Sexo Estatuto do português Relação entre o Português e as línguas locais

Na seção a seguir, apresentam-se os percentuais de aplicação da regra de monotongação, a distribuição percentual das variantes fonéticas que concretizam o ditongo/ei/ e discutem-se os resultados das variáveis relevantes para a implementação de [e] na variedade urbana do Português em Moçambique.

9.6 RESULTADOS

Na Tabela 9.1, apresenta-se a distribuição das variantes fonéticas que concretizam o ditongo /ei/ na fala urbana em Moçambique.

5 A análise inicial contemplou o levantamento de ocorrências em posição interna e externa ao vocábulo. Contudo, neste texto focalizam-se os resultados apenas para a implementação da regra de monotongação de /ei/ no contexto interno.

Tabela 9.1: Distribuição das variantes

Variante	Exemplo	Apl/T
[e]	dinheiro - [di'nerU]	280/1159 = 24,2%
[ey]	primeiro - [pri'meyrU]	463/1159 = 39,9%
[əy]	Beira - ['bɛyɾɐ]	238/1159 = 20,5%
[ɛ]	carteira - [kar'terɐ]	65/1159 = 6,0%
[ə]	brasileira- [brazi'lɐrɐ]	99/1159 = 8,5%
[i]	reitor - [ri'tor]	6/1159 = 0,5%
[ɛy]	respeito - [rɛy'fɛytU]	4/1159 = 0,3%

A primeira questão que se destaca na Tabela 9.1 é a quantidade de expressões fonéticas que concretizam o ditongo /ei/ em posição interna ao vocábulo na norma de Maputo. São sete formas distintas de realização, que variam entre as variantes ditongadas prototípicas de normas luso-brasileiras ([ey, əy]), a variante monotongada mais frequente ([e]) e variantes em certa medida inovadoras, tanto monotongadas ([ɛ, ə, i]) quanto ditongada ([ɛy]) – ainda que a produtividade dessas formas seja incipiente frente às variantes [e, ey, əy], nas três primeiras linhas da Tabela 9.1, que, somadas, totalizam 84,6% dos dados.

Outro ponto a ser destacado a partir dos resultados apresentados na Tabela 9.1 é a produtividade das variantes ditongadas, [ei, əy], frente a [e]. Os percentuais de realização de [e] são expressivos, 24,2%, mas a regra não é generalizada. A forma monotongada é menos produtiva do que a soma das duas variantes ditongadas mais produtivas [ey, əy], que computa 60,4% das ocorrências, o que pode ser um indício de que a implementação da variante monotongada ainda é um processo incipiente na comunidade. Do modelo estatístico testado, com 11 variáveis independentes (06 linguísticas e 05 extralinguísticas), 06 foram consideradas estatisticamente relevantes – a relação entre o Português e as línguas locais, os contextos precedente e subsequente ao ditongo, o sexo do indivíduo, a faixa etária a que o informante pertence e o estatuto do Português. Destaca-se o predomínio de condicionamentos extralinguísticos: das seis variáveis relevantes, apenas duas – a natureza dos segmentos precedente e subsequente ao vocábulo – são restrições de natureza estrutural. Os demais condicionamentos relevantes para a implementação de [e] são de cunho social, sendo que dois mapeiam o estatuto de aquisição do Português e a relação dos informantes com as línguas. O predomínio de restrições sociais parece sugerir o caráter essencialmente sociolinguístico do processo variável em foco, tendência que não é verificada na mesma medida em várias análises já conhecidas sobre a monotongação de /ei/ em normas do Português Brasileiro.

Na Tabela 9.2, apresentam-se os percentuais e os pesos relativos para a variável relação entre o português e as línguas locais, condicionamento que visa observar em que medida o trânsito do falante entre o português e as línguas autóctones influencia na dinâmica da variação.

Tabela 9.2: Efeito da variável relação entre o português e as línguas locais

Relação	Apl/T	PR
O informante utiliza apenas o Português	29/220 = 13,2%	.273
O informante utiliza tanto o Português como as línguas locais	110/540 = 20,4%	.538
O informante utiliza mais as línguas locais do que o Português	141/221 = 63,8%	.647

Os resultados expressos na Tabela 9.2 confirmam a hipótese de que há uma correlação entre a implementação da variante [e] e o trânsito dos falantes pelas línguas locais: quanto maior a interação do falante nas línguas autóctones, maiores são os percentuais de realização da variante monotongada e maior favorecimento para implementação da variante.

Os dados tendem a corroborar os conhecimentos fragmentários de que se dispõem sobre a formação de sílabas com núcleo complexo nas línguas bantu de Moçambique. Pelo menos no Changana, língua local sobre a qual há uma descrição mais robusta sobre aspectos fonéticos e fonológicos, há uma tendência a se evitar a formação de hiatos, e a inserção de [y] e [w] em uma estrutura formada pelo choque entre duas vogais é apenas um dos processos possíveis para a dissolução do choque vocálico, sendo a fusão e a elisão de uma das vogais os processos mais comuns nesses contextos.

A Tabela 9.3 apresenta os percentuais e os pesos relativos para o efeito do segmento precedente ao ditongo para a implementação da variante [e].

Tabela 9.3: Efeito da variável contexto precedente ao ditongo

contexto	exemplo	Apl/T	PR
[n]	dinheiro - [di'nerU]	82/101 = 81,2%	.891
[d]	deixo - ['defo]	44/129 = 34,1%	.586
[s]	terceira - [ter'serɐ]	32/146 = 21,9%	.576
[t]	solteiro - [sow'terU]	13/34 = 38,2%	.526
[m]	primeira - [pri'merɐ]	40/101 = 28,4%	.513
Outros	brasileiro - [brazi'lerɐf]	32/430 = 16%	.326

Os índices expressos na Tabela 9.3 não são confiáveis, já que há inversões entre percentuais e pesos relativos em alguns contextos, e há problemas na distribuição dos dados. Destaca-se, mesmo com a ressalva no que se refere à confiabilidade dos resultados, que a presença da nasal palatal no *onset* da sílaba com núcleo ramificado é o contexto que mais favorece a implementação de [e], com .891. A presença da oclusiva alveolar sonora [d], da fricativa alveolar surda [s], da oclusiva alveolar surda [t] e da nasal bilabial [m] também se mostram como contextos de favorecimento à monotongação. Entretanto, os pesos relativos para essas variantes estão muito próximos do ponto neutro (.500), o que permite inferir que esses segmentos atuam de forma menos incisiva na aplicação da regra. Os demais contextos considerados não se mostraram relevantes.

No que se refere ao efeito do contexto subsequente, os resultados expressos na Tabela 9.4 apontam tendências muito próximas às verificadas nas normas do Português Brasileiro.

Tabela 9.4: Efeito da variável contexto subsequente ao ditongo

contexto	exemplo	Apl/T	PR
[ʒ]	beijo - ['beʒu]	6/12 = 50%	.716
róticos	primeira - [pri'meɾɐ]	199/455 = 43,7%	.695
[ʃ]	deixo - ['deʃo]	27/96 = 28,1%	.525
Ataques vazios	aldeias -[alɐ'deɐʃ]	15/123 = 12,2%	.306
Outros	seitas - ['setɐʃ]	33/293 = 11,3%	.267

Os resultados apresentados na Tabela 9.4 também não são confiáveis, por conta do desequilíbrio na distribuição dos dados. Nota-se que os mesmos contextos que favorecem a implementação da variante [e] no Português Brasileiro atuam na regra variável na norma urbana de Moçambique. Contudo, é possível observar diferenças qualitativas entre as duas variedades no que se refere à hierarquia dos contextos subsequentes a /ei/ favorecedores à monotongação: a fricativa alveolar sonora se destaca, nos dados, como o contexto mais relevante (.716), seguido dos róticos (.695). A fricativa alveolar surda também é um contexto que favorece a implementação de [e], mas o valor do peso relativo (.525) sugere que esse segmento tem uma força menor do que os demais apontados em outras investigações que descrevem a monotongação de /ei/ em Português.

O efeito da variável sexo do informante, expresso na Tabela 9.5 sugere indícios sobre a avaliação social da variante [e] na comunidade urbana de Moçambique.

Tabela 9.5: Efeito da variável sexo do informante

Sexo	Apl/T	PR
Masculino	138/361 = 38,2%	.687
Feminino	142/620 = 22,9%	.388

Os percentuais e os pesos relativos para os informantes do sexo masculino indicam que os homens tendem a implementar a variante [e], com .687 de peso relativo, enquanto as mulheres a desfavorecem (.388). Esses resultados, tomados isoladamente, não são suficientes para que obtenha um panorama da avaliação das variantes. Como destaca Freitag (2015, p. 67-68), a interpretação mais ampla do efeito da variável sexo/gênero em estudos sociolinguísticos depende de uma abordagem de cunho interdisciplinar, com base em sólidos fundamentos etnográficos/sociodemográficos. O controle da variável sexo, na amostra, considera apenas a dimensão biológica.

Os resultados relativos à atuação da idade do informante, mensurada a partir da distribuição de falantes por faixas etárias, tendem a corroborar o grau de inovação da variante [e] na variedade urbana do Português em Moçambique.

Tabela 9.6: Efeito da variável faixa etária do informante

Faixa	Apl/T	PR
18 a 35 anos	113/276 = 40,9%	.728
36 a 55 anos	74/331 = 22,4%	.365
Mais de 56 anos	93/374 = 24,9%	.441

Os resultados apresentados na Tabela 9.6 atestam que são os falantes mais jovens, com idades entre 18 e 35 anos, que mais favorecem a variante [e], estando os indivíduos adultos e os mais velhos na retaguarda do processo, desfavorecendo o processo de monotongação. A análise no tempo aparente revela diferença de comportamento entre os falantes jovens e os demais indivíduos, e é mais uma evidência de que a variante [e] é inovadora na comunidade.

Na Tabela 9.7, apresentam-se a distribuição percentual e o peso relativo para a variável que mapeia o estatuto do Português.

Tabela 9.7: Efeito da variável estatuto do Português

Sexo	Apl/T	PR
Português como L1	112/679 = 16,9%	.404
Português como L2	168/302 = 55,6%	.706

Os resultados apresentados na Tabela 9.7 tendem a confirmar as tendências verificadas na Tabela 9.2, em que se discutem os resultados relativos à variável relação entre o Português e as línguas locais. Os falantes bilingues que têm o Português como segunda língua são os responsáveis pela implementação de [e] na comunidade de fala moçambicana representada pelos dados aqui analisados. A diferença entre os falantes de Português como L1 e os falantes de Português como L2 é significativa, tanto em termos percentuais como em pesos relativos.

Apesar de não dispormos de um quadro descritivo consistente sobre todas as línguas bantu faladas em Moçambique, é possível que as demais línguas de Moçambique sigam as mesmas tendências verificadas no Changana, em direção à simplificação de núcleos silábicos complexos. Essa tendência provavelmente atua na aprendizagem de uma configuração silábica que não encontra correspondência na L1 que esses falantes bilingues fixaram no processo de aquisição, o que pode justificar os valores altos de aplicação da regra de monotongação de /ei/ na fala desses indivíduos.

9.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por propósito descrever o processo de monotongação do ditongo /ei/ em uma variedade do Português ainda em processo de formação – a norma urbana falada em Maputo. Uma das motivações que direcionou a análise foi o interes-

se em investigar, nas variedades africanas do Português, processos variáveis fartamente descritos em variedades do Português do Brasil e do Português Europeu – em busca de convergências e divergências entre as normas. Outra razão que impulsionou a pesquisa foi o interesse em observar em que medida o processo de formação das variedades africanas influencia na dinâmica desses fenômenos variáveis, uma vez que se parte do princípio de que essas variedades são moldadas em um processo contínuo de contato entre a língua da colonização e as línguas autóctones.

Tendo em vista essas motivações elencadas, foi possível observar que, nos dados relativos à variedade urbana do Português em Moçambique:

- i em posição medial, confirma-se em termos a tendência verificada em outras variedades do Português no que se refere à atuação das fricativas palatais e dos róticos: respectivamente, [ʒ], róticos e [ʃ] são as consoantes no *onset* da sílaba seguinte que mais favorecem a monotongação de /ei/. Mesmo com as ressalvas no que se refere à confiabilidade dos resultados estatísticos, observa-se que os contextos estruturais em que se implementa a variante [e] são os mesmos apontados nas descrições disponíveis sobre o processo de monotongação no PB;
- ii as variáveis sociais são significativamente relevantes para a implementação da variante monotongada. Concorrem para o processo as variáveis *relação entre o português e as línguas locais, sexo, faixa etária e estatuto de aquisição do Português*;
- iii no que se refere à atuação das variáveis que controlam a interação entre o Português e as línguas locais, os resultados sugerem que os informantes que se reconhecem como falantes mais frequentes de línguas locais do que do Português são indivíduos que implementam a variante [e] na norma urbana de Moçambique. De certa maneira, tal comportamento se coaduna com a tendência das línguas bantu de Moçambique de evitarem núcleos silábicos complexos. Desse modo, é evidente que o contato entre o Português e as línguas locais impulsiona a aplicação da regra de monotongação de /ei/ na norma urbana de Maputo;
- iv a implementação da variante [e] na fala dos informantes do sexo masculino poderia ser indício de que a monotongação é um processo estigmatizado socialmente. Contudo, os limites da amostra não permitem generalizações acerca do papel do sexo do informante no favorecimento/rejeição à variante monotongada;
- v destaca-se o papel dos informantes mais jovens na implementação da variante monotongada: os informantes com idades entre 18 e 35 anos são os que favorecem a monotongação, havendo um decréscimo considerável de favorecimento à monotongação nos falantes adultos e uma retomada tímida (mas que não leva ao favorecimento de [e]) nos dados dos falantes mais velhos.

Considerando o caráter multilinguístico de Moçambique, os resultados apresentados nesta pesquisa apresentam subsídios importantes para a descrição de um processo variável fonético-fonológico produtivo em Português e para um maior conhecimento das variedades do Português faladas no continente africano. A análise aqui realizada oferece contributos para a compreensão de um fenômeno variável moldado por questões diretamente vinculadas, na comunidade investigada, a processos de contato entre a língua do colonizador e as dezenas de línguas locais de Moçambique.

Entretanto, têm-se consciência de que há limitações na distribuição dos dados, principalmente no que se refere ao mapeamento de restrições estruturais que condicionam a regra de monotongação na comunidade. Apesar dessas limitações de distribuição – que afetam também estudos que se debruçam sobre outros fenômenos variáveis fonético-fonológicos nas variedades africanas do Português (cf. os trabalhos reunidos em BRANDÃO, 2018) – os resultados aqui discutidos sugerem que, na variedade moçambicana, a regra de monotongação de /ei/ está relacionada ao contato entre o Português e as línguas autóctones. Indivíduos que se reconhecem como falantes efetivamente bilíngues são aqueles que impulsionam o processo de monotongação de /ei/ na norma de Maputo.

REFERÊNCIAS

- BISOL, Leda. Ditongos derivados. *DELTA*, v. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *DELTA*, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Relatório parcial e resumido sobre o projeto Três variedades do Português em contraste*. Mimeo. 2020.
- CABREIRA, Silvío Henrique. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 1996.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2019 [1970].
- CHIMBUTANE, Feliciano. Línguas bantu ou línguas bantas? *Tempo*, n. 1083. p. 40-42, 1991.
- CHIMBUTANE, Feliciano. Portuguese and African languages in Mozambique: a sociolinguistic approach. In: ÁLVARES LOPEZ, Laura; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito (eds.). *The Portuguese language continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 89-110.

- CHIMBUTANE, Feliciano. *Rethinking Bilingual Education in Postcolonial Contexts*. Bristol/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters, 2011.
- CLEMENTS, George Nickerson. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*. V. 2, issue 1, p. 225-252, 1985.
- COLLISCHONN, Gisella. A sílaba em português. In: BISOL, L. (orgs.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 99-131.
- FIRMINO, Gregório. 2010. *A Situação do Português no Contexto Multilíngue de Moçambique*. Disponível em: <http://www.flch.usp.br/dlcv/lpot/pdf/mes/06.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo gênero/sexo na Sociolinguística Brasileira. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (orgs.). *Mulheres, linguagem e poder – estudos de gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Ditongos decrescentes: variação & ensino. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 6, n. 5, p. 159-192, jan/jul 1997.
- GONÇALVES, Perpétua. *Opções metodológicas na pesquisa sobre o português em Moçambique*. Comunicação apresentada no I Colóquio Internacional VariaR – Variação fonológica e sintática nas línguas românicas. 20 mar. 2021. Disponível em: <https://variari.wixsite.com/variari>. Acesso em: 31 maio 2021.
- GONÇALVES, Perpétua. O português em África. In: RAPOSO, E. B. P. et alii. *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013. p. 157-178.
- GONÇALVES, Perpétua. Panorama geral do português de Moçambique. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire - Langues et littératures modernes - Moderne taal- en letterkunde*, tome 79, fasc.3, p. 977-990, 2001.
- INE. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento Geral da População e Habitação (CENSO)*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2017. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/iv-censo-2017>. Acesso em: 17 set. 2021.
- LOPES, Raquel. *A realização variável do ditongo /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan. A transmissão linguística irregular. In: BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante; RIBEIRO, Ilza (orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 101-124.
- MATZENAUER HERNANDORENA, Carmen Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda. (org.). *Introdução aos estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 11-89.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

- NGUNGA, A. Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique. *Rev. Cient. UEM, Ser: Letras e Ciências Sociais*, v. 1, p. 7-20, 2012.
- NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo G. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário*. Maputo: Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane, 2012.
- NGUNGA, Armindo; SIMBINE, Madalena Citia. *Gramática descritiva da língua Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos/Universidade Eduardo Mondlane, 2012.
- PAIVA, Maria da Conceição. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003a, p. 31-46.
- PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003b. p. 33-42.
- PAIVA, Maria da Conceição. Nova abordagem de velhos fenômenos. *Boletim da Abraelin*, 15, p. 262-267, 1994.
- PASSOS, Raphaela Ribeiro. O ditongo /ei/ na fala de São Tomé. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo (orgs.). *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 177-200.
- PEREIRA, Gerusa. *Monotongação dos ditongos /aj/, /ej/, /ow/ no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- PETTER, Margarida. Ampliando a investigação do *continuum* afro-brasileiro de português. *PAPIA*, São Paulo, 25(2): 305-317, 2015.
- PISSURNO, Karen Cristina da Silva. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística*. 2017. 213 fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2017.
- PISSURNO, Karen Cristina da Silva. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org). *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018, p. 75-91.
- RIBEIRO, Pe. Armando. *Dicionário gramatical Changana*. Maputo: Edições Paulinas, 2016.
- SANTIAGO, Ana Maria; AGOSTINHO, Ana Lúcia. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A cor das Letras*. Feira de Santana, vol. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.

- SELKIRK, Elisabeth O. The syllable. In: HULST, Harry van der; SMITH, Norval. (eds.). *The structure of phonological representation*. (Part. II). Foris: Dordrecht, 1982. p. 337-383.
- SILVEIRA, Alfredo Christofolletti. *Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe*. 2013. 180 fls. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- SITOE, Bento. *Dicionário Changana-Português*. Maputo: Texto Editores, 2011.
- THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues; PISSURNO, Karen Cristina da Silva (orgs). *Corpus Moçambique-PORT*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em: www.corporaport.letras.ufrj.br. Acesso em: 23 dez. 2021.
- WEIREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Winfred P; MALKIEL, Yakov (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.
- WEIREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. New York: Mouton, 1953.
- WINFORD, Donald. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.